

Capítulo Um

Depois de ter pirateado o meu módulo de controlo, eu podia ter-me convertido num assassino em massa, mas então percebi que podia aceder à rede combinada de canais de entretenimento dos satélites da companhia. Entretanto, tinham passado umas 35 000 horas e eu não matara praticamente ninguém, tendo em vez disso consumido, sei lá, quase 35 000 horas de filmes, séries, livros, peças de teatro e música. Como máquina de matar impiedosa, era um perfeito fracasso.

Também continuava a fazer o meu trabalho, com um novo contrato, e tinha a esperança de que o Dr. Volescu e a Dra. Bharadwaj terminassem rapidamente o seu reconhecimento, para que pudéssemos regressar ao habitat e eu pudesse ver o episódio 397 de *Rise and Fall of Sanctuary Moon*.

Confesso que estava desatento. Até ali, aquele contrato estava a ser uma seca, e eu estava a pensar pôr em segundo plano o canal de alerta e tentar aceder a música no canal de entretenimento sem que o Sistema Central registasse essa atividade extra. Era mais complicado fazê-lo no terreno do que dentro do habitat.

A área que estávamos a analisar era a árida costa de uma ilha, com colinas baixas e planas que subiam e desciam, cobertas por uma erva grossa, negro-esverdeada, que nos dava pelos tornozelos, e era praticamente desprovida de flora ou fauna, excetuando

umas criaturas que lembravam pássaros, de diferentes tamanhos, e umas coisas inchadas, flutuantes, que tanto quanto sabíamos eram inofensivas. A costa estava salpicada de grandes crateras despidas de vegetação, numa das quais Bharadwaj e Volescu estavam a recolher amostras. O planeta tinha um anel que, da posição em que nos encontrávamos, dominava o horizonte quando se olhava para o mar. Eu estava a olhar para o céu e a rebuscar mentalmente na rede, quando o fundo da cratera explodiu.

Não me dei ao trabalho de fazer uma chamada verbal de emergência. Enviei o vídeo da minha câmara de campo para a Dra. Mensah e saltei para a cratera. Enquanto deslizava pela ladeira arenosa, ouvi pelo canal de emergência a Dra. Mensah a gritar a alguém para colocar imediatamente o módulo no ar. Eles estavam a uns dez quilómetros de nós, a trabalhar noutra parte da ilha, e portanto não havia hipótese de chegarem a tempo para ajudar.

A minha rede encheu-se de ordens contraditórias, mas não lhes prestei atenção. Mesmo que não tivesse inutilizado o meu módulo de controlo, o canal de emergência tinha prioridade, e neste também reinava o caos, com o Sistema Central automatizado a pedir informações e a querer enviar-me informação de que eu ainda não precisava, e Mensah, no módulo, a enviar-me telemetrias. Coisa de que eu também não precisava, mas era mais fácil ignorá-la a ela do que ao Sistema Central quando este se punha a exigir-me respostas ao mesmo tempo que mas tentava fornecer.

Nesse ínterim, cheguei ao fundo da cratera. Tenho pequenas armas de energia incorporadas nos braços, mas preferi sacar do grande lança-projéteis que trago fixado nas costas. O hostil que acabara de irromper do solo tinha uma bocarra enorme, e portanto achei que precisava de uma arma a sério.

Arranquei a Dra. Bharadwaj de dentro da boca da criatura, meti-me lá dentro e descarreguei-lhe o lança-projéteis na garganta e depois na vertical, esperando que fosse nessa direção que estivesse o cérebro. Não tenho a certeza se foi exatamente esta a ordem; teria de ver a gravação da minha câmara de campo. Tudo o que sabia era

que Bharadwaj estava comigo e não com a criatura, que entretanto desaparecera no túnel.

A doutora estava inconsciente, e tinha sangue a escorrer pelos rasgões no fato, com ferimentos enormes na perna direita e no flanco do mesmo lado. Voltei a fixar a arma no arnês para a poder levantar nos braços. Eu tinha perdido a armadura do braço esquerdo, e boa parte da carne por baixo, mas as minhas partes inorgânicas continuavam a funcionar. Uma nova catadupa de ordens emergiu do módulo de controlo, mas deixei-as em segundo plano, sem me preocupar em descodificá-las. Bharadwaj, que não dispunha de partes inorgânicas e portanto não era tão fácil de reparar como eu, era claramente a prioridade ali, e eu estava interessado sobretudo no que o SisteMédico me estava a tentar dizer pelo canal de emergência. Mas primeiro tinha de a tirar daquela cratera.

Enquanto isso, Volescu estava encolhido sobre as pedras revolvidas, de cabeça perdida, e não é que não me fizesse pena. Eu era muito menos vulnerável naquela situação do que ele, e também não estava propriamente a divertir-me. «Dr. Volescu», disse eu, «tem de vir comigo já.»

Ele não respondeu. O SisteMédico estava a aconselhar que lhe injetasse um tranquilizante e *blá-blá-blá*, mas eu estava a apertar com um dos braços o fato da Dra. Bharadwaj para impedir que ela perdesse sangue, enquanto com o outro lhe amparava a cabeça, e apesar de tudo, só tenho duas mãos. Disse ao meu capacete para se recolher, para que ela pudesse ver o meu rosto humano. Isto teria sido um erro crasso caso o hostil regressasse e me abocanhasse de novo, pois eu precisava das partes orgânicas da minha cabeça. Tratando de fazer com que a minha voz soasse firme, calorosa e amável, disse-lhe, «Dr. Volescu, vai ficar tudo bem, OK? Mas tem de se levantar e ajudar-me a tirá-la daqui.»

Funcionou. Ele pôs-se de pé e veio a cambalear até onde eu estava, ainda a tremer. Virei para ele o meu lado intacto e disse-lhe, «Agarre-se ao meu braço, sim? Não o largue.»

Volescu conseguiu enganchar o braço no meu e comecei a rebocá-lo cratera acima, ao mesmo tempo que apertava Bharadwaj contra o peito. A respiração dela era irregular e desesperada, e do seu fato não conseguia obter nenhuma informação. Como o meu estava rasgado no peito, aumentei a minha temperatura corporal, esperando que isso a ajudasse. A rede estava agora em silêncio, pois Mensah conseguira usar a sua prioridade de comando para silenciar todas as comunicações exceto as do SisteMédico e as da nave, e tudo o que eu conseguia ouvir desta eram frenéticos pedidos de silêncio.

Na ladeira da cratera, o piso era um horror de pedra solta e areia mole, mas as minhas pernas não estavam danificadas e cheguei ao cimo com os dois humanos ainda vivos. Volescu fez menção de se deixar cair para o chão, mas eu puxei-o para alguns metros da borda, para o caso de aquilo que estava lá em baixo, fosse lá o que fosse, ter um alcance maior do que parecia.

Não queria pousar a Dra. Bharadwaj no chão, porque algo no meu abdómen estava seriamente danificado e não tinha a certeza se conseguiria voltar a pegar nela. Rebobinei um pouco a minha câmara de campo e vi que tinha sido golpeado por um dente, ou talvez por um cílio. Quereria mesmo dizer cílio, ou seria outro nome qualquer? Eles não fornecem aos assassiborgues módulos educativos decentes sobre o que quer que seja a não ser matar, e mesmo estes são uma porcária baratucha. Estava a procurar as palavras no centro de línguas do Sistema Central quando a nave pequena aterrou nas imediações. Quando se imobilizou sobre as ervas, voltei a baixar o capacete e tornei-o opaco.

Dispúnhamos de duas naves padrão: uma maior para emergências e outra mais pequena para acesso a zonas de avaliação. Esta tinha três compartimentos: um grande no meio para a tripulação humana e dois laterais, mais pequenos, para carga, fornecimentos, e para mim. Mensah estava aos comandos. Comecei a andar, mais devagar do que faria normalmente, porque não queria perder Volescu. Quando a rampa começou a descer, Pin-Lee e Arada sal-

taram para fora. Mudei para o comunicador de voz e disse, «Dra. Mensah, não posso largar o fato dela.»

Ela precisou de um segundo para compreender o que eu queria dizer. Disse apressadamente, «Tudo bem, leva-a para a carlinga da tripulação.»

Os assassiborgues não podem viajar com humanos, e eu precisava de uma autorização verbal para entrar. Com o meu módulo de controlo danificado, não havia nada que me pudesse impedir, mas tinha a sua importância não revelar a ninguém, e muito menos a quem me tinha contratado, que eu era um agente livre. No fim de contas, não me interessava ver os meus componentes orgânicos destruídos e o resto de mim desmantelado para peças.

Carreguei Bharadwaj pela rampa até à carlinga, onde Overse e Ratthi deslocavam à pressa uns assentos para abrir espaço. Tinham tirado os capacetes e puxado para baixo o capuz do fato, pelo que pude ver as suas expressões horrorizadas quando perceberam o que restava da parte superior do meu corpo através do fato rasgado. Fiquei contente por ter selado o meu capacete.

É por isso que eu gosto de viajar no compartimento de carga. O convívio de humanos e humanos aumentados com assassiborgues é demasiado constrangedor. Pelo menos para mim. Sentei-me no chão com Bharadwaj ao colo, enquanto Pin-Lee e Arada arrastavam Volescu para dentro.

Tínhamos deixado para trás duas caixas de equipamento de campo e alguns instrumentos, ainda pousadas sobre as ervas onde Bharadwaj e Volescu tinham estado a trabalhar antes de descerem ao fundo da cratera em busca de amostras. Normalmente, eu ajudaria a carregá-las, mas o SisteMédico, que estava a monitorizar Bharadwaj através do que sobrara do seu fato, deixava bem claro que largá-la seria má ideia. Mas ninguém mencionou o equipamento. Deixar para trás material facilmente substituível pode parecer óbvio numa emergência, mas eu já tivera contratos em que os clientes me haviam dito para deixar o humano sangrar e tratar de recuperar o equipamento.

No presente contrato, o Dr. Ratthi levantou-se de um salto e disse, «Vou buscar as caixas!»

Eu gritei, «Não!», coisa que não devia fazer; tenho de me dirigir sempre de forma respeitosa aos clientes, mesmo quando eles se preparam para se matarem acidentalmente. O Sistema Central poderia ter registado isto e desencadeado um castigo através do módulo de controlo. Se não tivesse sido pirateado.

Felizmente, os outros humanos gritaram «Não!» ao mesmo tempo, e Pin-Lee acrescentou, «Deixa lá essa merda, Ratthi!»

«Oh, não há tempo, claro. Desculpa!», disse Ratthi, e digitou a sequência de fechamento rápido da escotilha.

Desta forma, não perdemos a rampa quando o hostil emergiu por baixo dela, com uma bocarra cheia de dentes ou cílios ou lá o que era, a devorar o solo. As câmaras da nave captaram uma excelente visão da criatura, que o seu sistema tratou de enviar diretamente para as redes de cada um de nós. Os humanos soltaram gritos.

Mensah elevou-nos no ar com tanta força e rapidez que quase me inclinei para um lado, e todos os que não estavam no chão foram lá parar.

No silêncio que se seguiu, enquanto eles ofegavam de alívio, Pin-Lee disse, «Ratthi, se te deixasses matar...»

«Ficavas muito aborrecida comigo, eu sei.» Ratthi deslizou um pouco mais parede abaixo e acenou debilmente para ela.

«É uma ordem, Ratthi, não te deixes matar», disse Mensah do lugar do piloto. Parecia calma, mas eu, que tenho prioridade de segurança, pude ver pelo SisteMédico que ela tinha o coração acelerado.

Arada retirou o *kit* de emergência médica para estancarem a hemorragia e tentarem estabilizar Bharadwaj. Eu tentei comportar-me o mais possível como uma máquina, apertando as feridas onde os humanos me indicaram, usando a minha temperatura corporal em declínio para tentar mantê-la quente, e permanecendo de cabeça baixa para não os ver a olhar para mim.